

---

## PRÁTICAS REAIS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE DISCENTES DA REDE PÚBLICA DE CARANGOLA-MG

---

Fernanda Abreu Gualhano<sup>1</sup>  
Adrieli Laviola Bonjour da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** A pesquisa intenta em averiguar se a premissa de que “jovens não tem hábito e gosto em ler e escrever” é verídica e, sobretudo, analisar a relação dos alunos com a leitura e escrita dentro e fora do âmbito escolar. Utilizamos a abordagem quantitativa e qualitativa, mediante a aplicação de questionário; esse foi realizado com 3º ano do Ensino Médio público, de Carangola/MG. Observamos, portanto que nas aulas de Língua Portuguesa, duas turmas têm relação boa e uma não, como também, opiniões diferentes sobre a experiência fora do setor escolar, contudo, a maioria dos alunos não tem hábito em ler e escrever, o que torna uma questão preocupante. O presente trabalho se baseia nas concepções tratadas, principalmente, por Koch e Elias (2006), Marcuschi (2001, 2008) e Rojo (2010).

**Palavras-chave:** Linguística Aplicada. Leitura e escrita. Letramento.

### Introdução

A escrita é, talvez, a grande invenção tecnológica da humanidade de todos os tempos, uma vez que ela é suporte para o desenvolvimento das demais tecnologias com as quais convivemos. Vivemos, hoje, em um mundo norteado e organizado a partir de sistemas escritos. Desde gêneros mais simples do cotidiano, como um bilhete ou uma lista de compras, até algoritmos computacionais. Percebemos, portanto, a funcionalidade e a necessidade da escrita e, conseqüentemente, de sua contraparte, a leitura.

Além disso, com as evoluções tecnológicas, parte da sociedade foi se tornando cada vez mais letrada e, por essa razão, dominar a escrita tornou-se sinônimo de obter ascensão social. Esse é um pensamento que prevalece na sociedade até hoje, oriundo da crença de que aqueles que se inseriam no ambiente escolar e dominavam a escrita e a leitura - essencialmente os gêneros literários clássicos - passavam a possuir maior status social em relação às outras pessoas. Logo, saber ler e escrever garantiria ao indivíduo melhor posicionamento na sociedade.

Essa visão não é diferente nos dias atuais, entretanto, é preciso desmitificar a ideia de que apenas a decodificação ou codificação de signos linguísticos é suficiente para assumir que um indivíduo domina as práticas de letramento.

Ler e escrever envolve não somente o domínio da língua, mas conhecimentos pragmáticos e semânticos que são, muitas vezes, obtidos a partir da vivência e da inserção do indivíduo no mundo

---

<sup>1</sup> Graduanda de Letras – Português/Inglês na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Carangola. fernadagualhano@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Linguística Cognitiva, na Universidade Federal de Juiz de Fora. adrielilaviola@gmail.com



real. Como explica Martins (1994, p. 22): “Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social”

A visão tradicional de que leitura e escrita sejam somente atividades de codificar e decodificar tende a desconsiderar o conhecimento prévio/enciclopédico que o leitor e produtor trazem como bagagem, ou seja, todo sua vivência e relação com o que o rodeia na comunidade em que vive, que é fundamental no processo de desenvolvimento de tais habilidades.

Sendo assim, é relevante considerar quem é, o que pensa e o que sabe previamente os indivíduos envolvidos no processo de aprendizagem de leitura e escrita, uma vez que é esse conhecimento prévio que embasa a sua aquisição de novos conhecimentos e interpretações sobre o mundo ao redor. Sobre essa questão, Martins (1994, p. 22) informa que: “Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida.”

Ademais, é importante quebrar a ideia preconceituosa de que gêneros escritos são superiores a gêneros orais, quando, na verdade, devem ser encarados como complementares e não dicotômicos. Marcuschi (2007, p. 33) contribui ao falar sobre a relação da oralidade e escrita ao dizer que “os gêneros distribuem-se pelas duas modalidades num contínuo, desde os mais formais aos mais informais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana”.

Em outras palavras, Marcuschi (2007) quer que entendamos que a fala não é, em hipótese alguma, descontextualizada, pois pode haver na fala situações totalmente cultas – seminário -, enquanto na escrita, a presença da informalidade – conversa pelo aplicativo WhatsApp -, em suma, a condição de produção varia, devido ao continuum que é dependente dos contextos situacionais.

Como já relatado acima, a fala é o primeiro contato do indivíduo com a língua e carrega marcas da realidade empírica desse falante, que podem ser relevantes para identificar suas características e ajudar a adquirir novas práticas de letramento, as quais, o permitam circular em variadas situações de uso da língua - desde as mais informais às mais formais - . Os próprios PCNs (BRASIL, 1996, p. 52) afirmam que:

É necessário que se compreenda que leitura são práticas complementares, fortemente relacionadas que se modificam mutuamente no processo de letramento a escrita transforma a fala (a constituição da “fala letrada”) e fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade” nos textos escritos). “São práticas que permitem ao aluno construir seus conhecimentos sobre os diferentes gêneros sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita.

Nesse contexto, a escola como mediadora do processo de aprendizagem de tais habilidades deve reconhecer-se como universo de letramentos múltiplos (orais e escritos) - desde aqueles considerados mais relevantes, em uma visão tradicionalista, até os assumidos como menos prestigiados - e possibilitar, dessa maneira, que os alunos possam participar das variadas “práticas sociais em que se utilizam a leitura e a escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática” (ROJO, 2010, p.437).

É fundamental, nessa perspectiva, democratizar e ampliar as possibilidades de aproximação e relação dos envolvidos com a leitura e a escrita, bem como, os métodos para se chegar a isso.



É nesse âmbito, que a proposta da pesquisa se justificou, pois acreditamos que o abismo que existe, muitas vezes, entre o aluno, o gosto pela leitura e a habilidade de escrita pode ser amenizado, quando esse expõe sua perspectiva quanto ao trabalho e é colocado como protagonista do seu próprio processo ensino-aprendizagem, tendo o professor como um aliado e não um rival, ou seja, como aquele que o ajuda a alcançar seus objetivos e não o que impõe um trabalho pesadoso e, aparentemente, impossível dadas as suas experiências.

Quando o professor é visto pelo aluno como um inimigo, a escola se torna um campo de batalha e o aprendizado de determinado conteúdo é bloqueado. Não é raro ouvir alunos dizerem que não conseguem aprender determinada matéria porque não têm (ou não tiveram) um bom professor no tempo da escola.

Tendo isso como pressuposto, propusemos uma análise mais aprofundada do ambiente escolar, no que tange, principalmente, às aulas de Linguagens, a fim de verificar se a premissa de que o “jovem não gosta de lê e não escreve bem” tem fundamento.

Para tanto, intencionamos elaborar questionários direcionados aos alunos do 3º do Ensino Médio, da E.E.E.M<sup>3</sup>, em Carangola-MG, de modo a criar um corpus que nos permite quantificar e qualificar o discurso dos alunos, a fim de chegar a alguma percepção quanto ao cenário encontrado no ambiente escolar no desenvolvimento de práticas letradas.

Nesse sentido, o propósito geral desse trabalho situou-se na identificação de falhas - ou a constatação de sucesso - no processo de ensino de leitura e escrita nas escolas, como também, no meio social.

Em suma, a intenção em desenvolver essa pesquisa surge da percepção de que, comumente, a leitura e escrita não tem alcançado seus objetivos de forma satisfatória no ambiente escolar, mas, principalmente, no meio social. Essa afirmação, uma vez que é intuitiva, deveria ser comprovada e, portanto, emergiu a necessidade de uma investigação da perspectiva dos envolvidos nesse processo ensino-aprendizagem.

## 1. Pressupostos teóricos

O termo letramento começou a ser usado - após algumas modificações de perspectiva - ao final do século XIX, para designar a habilidade do indivíduo em transitar nos mais diferentes usos destinados a leitura e a escrita, indo além da visão de apenas codificar e decodificar signos, o que caberia exclusivamente à alfabetização. Letramento, portanto, seria a capacidade do usuário da língua de utilizá-las dentro de práticas sociais diversas.

Street (1993) propõe que a relação entre ensino e letramento deve ser pautada nas noções de “evento de letramento”, “práticas de letramento” e “práticas comunicativas”. A primeira indica atividades variadas, em que há textos escritos envolvidos; a segunda, trata de modelos culturalmente construídos para a construção do significado das habilidades de leitura e escrita; a terceira, por sua vez, relaciona-se ao modo como a linguagem ou a comunicação produzida em determinado evento comunicativo é inserida em ambientes sociais, os quais os usuários da língua participam e se inserem.

---

<sup>3</sup> Optou-se pelo sigilo do nome da escola, de modo a seguir preceitos morais e éticos.



Nessa vertente, o ensino de língua deve estar conectado ao processo de interação verbal, considerando o que propõe Fiorin (2007, p.61): “só se age na interação, só se diz no agir e o agir motiva certos tipos de enunciados”. Esses tipos relativamente estáveis são os diversos gêneros de textos, entendidos como formas culturais e cognitivas de ação social, corporificadas de modo particular na linguagem. (MARCUSCHI, 2008).

Sendo assim, gêneros textuais são textos materializados em situações comunicativas de uso e apresentam padrões sociocomunicativos característicos, definidos por “composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Nessa perspectiva, Torocco (1999) relata, que para ser participante da cultura e do mundo é de extrema importância o ato da leitura, além disso, ele realça que ler é imprescindível, não só na formação universitária, acadêmica ou estudantil, mas também, como cidadão pertencente a sociedade, que não apenas codifica e decodifica, mas que interpreta o mundo.

Koch e Elias (2010) afirmam que, em primeira instância, as concepções de interação dialógica aparecem nos textos mutuamente, pois os sujeitos que estão escrevendo-falando são construtores sociais. Em seguida, essas entendem a leitura como atividade de interação na construção de sentidos. Por fim, as autoras inferem que na ativação das estratégias de leitura é necessário um tripé de conhecimento para um bom desenvolvimento: o linguístico, o enciclopédico e o interacional.

Ao entrar em diálogo com o que Koch e Elias (2010) ressaltam sobre os conhecimentos, é importante destacar que para Mosé (2013), mesmo em pleno século XXI, o ensino no Brasil ainda está preso a estrutura do passado: o aluno como decorador de conteúdo, o qual leva-o a pensar que estuda para os pais, escola ou professor, e não para si e seu futuro, para ser, portanto, um agente reflexivo e crítico. Ela defende a não memorização de diversos assuntos, mas sim, a reflexão, o pensamento e a interpretação sobre eles.

Essa pesquisa, portanto, considera a importância da leitura e escrita, tanto dentro do setor escolar, quanto fora. Seguindo a linha de pensamento de Martins (1994, p. 22):

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural.

Finda-se, então, com o que Mosé (2013) afirma: a escola para ser atual, não precisa estar cheia de computadores na sala, pois há um número de acesso alto à internet - até mesmo nas classes populares -, contudo, necessita entrar em sintonia com o aluno, entender que decorar é inútil. Essa questão retratada pela filósofa está em voga, visto que é impreterível essa RELAÇÃO-SINTONIA de conhecimento do professor para com o aluno e vice-versa.



## 2. Metodologia

O trabalho desenvolveu a partir de análises dos discursos de alunos quanto à prática de leitura e escrita na sala de aula e no ambiente social, bem como, da realidade socioeconômica dos envolvidos. Para a constituição dos dados, propusemos a aplicação de questionários. Esses tiveram como objetivo conhecer o perfil socioeconômico dos alunos, além de desvelar sobre as práticas de leitura, em que os alunos estão envolvidos. Para tanto, as questões foram organizadas com o intuito de compreender: condição socioeconômica; práticas de leitura e acervos; âmbitos de convivência e socialização e questões voltadas para a autoanálise.

Nessa vertente, perguntamos a eles, por exemplo, o local da residência, se é na zona urbana ou rural; a quantidade de pessoas que residem no domicílio; quais são essas pessoas, se é pai, mãe, tio, avó e/ou irmãos; o nível de escolaridade dos responsáveis; a profissão; o meio que os alunos utilizam para se manterem informados; se tem computador em casa; o que fazem nas horas vagas; se irão trabalhar enquanto estudam ou farão cursinhos preparatórios para o ENEM e vestibular.

Buscamos também, não somente compreender sobre alguns fatos socioeconômicos, mas também, aplicamos perguntas para uma autoanálise – como já dito -, com a finalidade deles se observarem, no que tange a prática de leitura e escrita, tanto no setor escolar, quanto no social.

Assim, pedimos, na primeira pergunta, para falar sobre sua experiência nas aulas de Linguagens e a opinião deles acerca da didática do docente. Já na segunda pergunta, o objetivo principal foi remetê-los a fazerem uma análise de si fora do âmbito escolar, ou seja, contar como eles se relacionam com a leitura e escrita no dia a dia, se praticam no tempo livre, por exemplo.

## 3. Análise de dados

Como retratado anteriormente, nossa análise foi realizada no 3º ano do Ensino Médio da E.E.E.M, de Carangola-MG, mediante três turmas, as quais possuíam quantidades diferentes de alunos, sendo na 3.1 – onze, na 3.2 – quinze e 3.3 – vinte, que totaliza com cinquenta e dois alunos.

No perfil socioeconômico, observou-se, portanto, que em duas dessas, em um total de vinte e seis alunos (3.1 e 3.2), vinte moram em zona rural. Em contrapartida, na turma 3.3, de vinte e seis alunos, vinte e três moram na zona urbana.

Para manterem informados, duas turmas utilizam da internet, televisão e celular, já na 3.3, apenas o celular, visto que todos os alunos afirmam ter computador em casa. No geral, os dados mostram que a maior parte mora com mais de três. Ao averiguar a quantidade de moradores supracitados, esses são, principalmente, mães, pais e irmãos.

Com isso, também buscamos saber acerca do nível de escolaridade dos responsáveis, em que, de cinquenta e seis alunos, trinta e dois afirmaram que o pai concluiu até o Ensino



Fundamental. Esse resultado assemelhou-se com o grau escolar da mãe, que também fez até o 9º ano.

As profissões dos responsáveis femininos, sobretudo, são: professoras, domésticas e donas de casa e dos masculinos: cabeleireiros; mecânicos; aposentados.

Procuramos, também, saber qual o meio de locomoção dos pais e observamos que nas duas salas (3.2 e 3.3), esses não possuem carro e/ou moto, contudo, na 3.1, a maioria relata que os pais possuem apenas o carro. Por conseguinte, o principal meio de locomoção dos discentes é andar a pé.

Outra questão de suma importância a qual notamos é sobre como eles veem a questão dos estudos a correlacionando com a vida social e econômica. A maior parte dos alunos, especificamente, trinta e quatro de cinquenta e seis, não fará e nem fizeram cursinhos preparatório para o ENEM, como justificativa a condição financeira. Por outro lado, cerca de trinta e sete alunos pretendem trabalhar enquanto estudam, alegam que querem ajudar na renda familiar; ter o próprio dinheiro, bem como, garantir os estudos.

Vale ressaltar acerca do que nos motivou a aplicação dos questionários, no caso, compreender também como esses discentes se sentem para com a leitura e escrita.

No momento em que realizamos a análise do discurso, separamos as duas perguntas sobre leitura e escrita da seguinte forma: a primeira, com o intuito do aluno relatar sobre a sua experiência desses fatores dentro da sala de aula e a segunda: o aluno fazer uma autoanálise, a partir da sua relação com a leitura e escrita no ambiente social, ou seja, fora da escola.

Com isso, selecionamos algumas respostas, com o objetivo de demonstrar parcialmente o resultado geral. A seguir estão as da primeira pergunta.

Na sala 3.1, de onze alunos, oito não possuem uma relação agradável nas aulas. Veja:

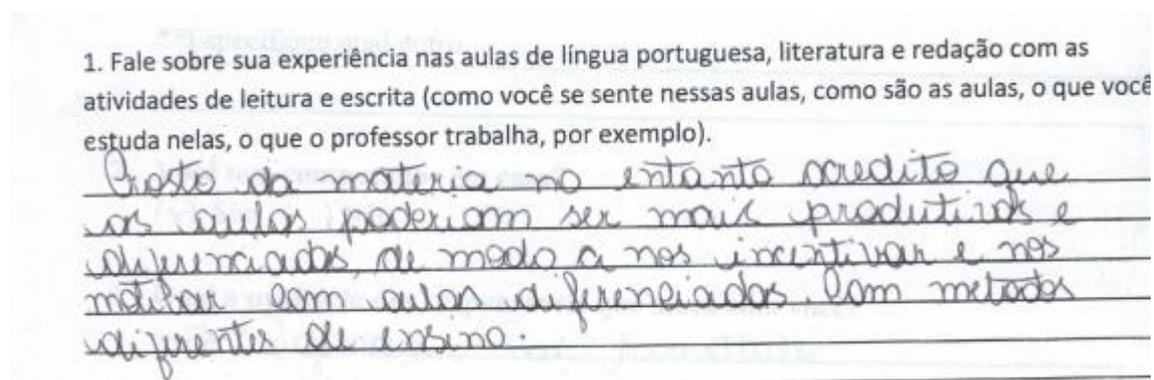


Imagem 1: Resposta do aluno 1, da sala 3.1, sobre a primeira pergunta.



1. Fale sobre sua experiência nas aulas de língua portuguesa, literatura e redação com as atividades de leitura e escrita (como você se sente nessas aulas, como são as aulas, o que você estuda nelas, o que o professor trabalha, por exemplo).

Não gosto de língua portuguesa devido a gramática. Me sinto bem quando as aulas são de leitura e interpretação. As aulas são repetitivas e acredito que focam pouco o ensino médio. Estudo poucas coisas na escola, as aulas não possuem continuidade, são avulsas.

Imagem 2: Resposta do aluno 2, da sala 3.1, sobre a primeira pergunta.

1. Fale sobre sua experiência nas aulas de língua portuguesa, literatura e redação com as atividades de leitura e escrita (como você se sente nessas aulas, como são as aulas, o que você estuda nelas, o que o professor trabalha, por exemplo).

As aulas de língua portuguesa me ajudam a aprender esta linguagem ultrapassada. Enquanto as diversas matérias curriculares estão em processo de mudança, o ensino de língua encontra-se "parado no tempo", por isso é necessário dinamizar as aulas, principalmente a literatura.

Imagem 3: Resposta do aluno 3, da sala 3.1, sobre a primeira pergunta.

Enquanto na 3.2, eles já possuem uma relação melhor. No final, percebeu-se também, que na 3.3, de vinte e seis, dezessete gostam das aulas de Língua Portuguesa. A seguir estão os textos:

1. Fale sobre sua experiência nas aulas de língua portuguesa, literatura e redação com as atividades de leitura e escrita (como você se sente nessas aulas, como são as aulas, o que você estuda nelas, o que o professor trabalha, por exemplo).

Eu gosto, as aulas são interessantes e animadas.

Imagem 4: Resposta do aluno 4, da sala 3.2, sobre a primeira pergunta.

1. Fale sobre sua experiência nas aulas de língua portuguesa, literatura e redação com as atividades de leitura e escrita (como você se sente nessas aulas, como são as aulas, o que você estuda nelas, o que o professor trabalha, por exemplo).

São experiências boas, onde podemos aprender mais sobre o português.

Imagem 5: Resposta do aluno 5, da sala 3.2, sobre a primeira pergunta.



1. Fale sobre sua experiência nas aulas de língua portuguesa, literatura e redação com as atividades de leitura e escrita (como você se sente nessas aulas, como são as aulas, o que você estuda nelas, o que o professor trabalha, por exemplo).

Nosso professor não estimula a procurar sobre a matéria, tem uma ótima maneira ensinamento.

Imagem 6: Resposta do aluno 6, da sala 3.3, sobre a primeira pergunta.

1. Fale sobre sua experiência nas aulas de língua portuguesa, literatura e redação com as atividades de leitura e escrita (como você se sente nessas aulas, como são as aulas, o que você estuda nelas, o que o professor trabalha, por exemplo).

Não gosto de língua portuguesa devido a gramática. Me sinto bem quando as aulas são de leitura e interpretação. As aulas são repetitivas e acredito que fossem para o ensino médio. Estudo poucas coisas na escola, as aulas não possuem continuidade, são avulsas.

Imagem 7: Resposta do aluno 7, da sala 3.3, sobre a primeira pergunta.

Na segunda pergunta, em que os questionamos como é a relação da leitura e escrita fora do ambiente escolar, obtivemos um resultado híbrido. Sendo que na 3.1, de onze alunos, seis relatam ter o rendimento externo positivo, estão sempre lendo e escrevendo. Observe:

2. Conte sobre como você se sente e como você se relaciona com a leitura no seu dia a dia. Faça o mesmo em relação à escrita.

Me sinto bem lendo, pois consigo imaginar um mundo diferente e adquirir diferentes conhecimentos. Gosto de escrever às vezes, principalmente poemas (sem seguir nenhuma estrutura).

Imagem 8: Resposta do aluno 8, da sala 3.1, sobre a segunda pergunta.

2. Conte sobre como você se sente e como você se relaciona com a leitura no seu dia a dia. Faça o mesmo em relação à escrita.

É difícil de leitura, o meu texto, embora de escreva importância, não é praticada ou incentivada nas aulas.

Imagem 9: Resposta do aluno 9, da sala 3.1, sobre a segunda pergunta.



2. Conte sobre como você se sente e como você se relaciona com a leitura no seu dia a dia.  
Faça o mesmo em relação à escrita.

*Gosto sempre que posso, como ler e sei o quanto a leitura é primordial.*

Imagem 10: Resposta do aluno 10, da sala 3.1, sobre a segunda pergunta.

Já na 3.2, de quinze alunos, nove afirmam ter uma relação ruim. Veja os textos a seguir:

2. Conte sobre como você se sente e como você se relaciona com a leitura no seu dia a dia.  
Faça o mesmo em relação à escrita.

*Não gosto muito e não tenho muito tempo livre para praticar nenhuma das atividades.*

Imagem 11: Resposta do aluno 11, da sala 3.2, sobre a segunda pergunta.

2. Conte sobre como você se sente e como você se relaciona com a leitura no seu dia a dia.  
Faça o mesmo em relação à escrita.

*Ultimamente, o apetite de leitura tem sido muito menor. Tanto pela falta de conteúdos interessantes em mídias quanto as interferências das eletrônicas.*

Imagem 12: Resposta do aluno 12, da sala 3.2, sobre a segunda pergunta.

Por fim, na 3.3, de vinte e seis alunos, dezoito tem uma relação mediana, isto é, ora escrevem e leem, ora não. Não tem tanta fidelidade com a leitura e escrita no meio social, eles relatam que:

2. Conte sobre como você se sente e como você se relaciona com a leitura no seu dia a dia.  
Faça o mesmo em relação à escrita.

*Me relaciono com a leitura no meu dia a dia, lendo livros de romance e ficção. Duas não escrevo em casa, só quando o assunto me interessa muito.*

Imagem 13: Resposta do aluno 12, da sala 3.3, sobre a segunda pergunta.



2. Conte sobre como você se sente e como você se relaciona com a leitura no seu dia a dia. Faça o mesmo em relação à escrita.

Me sinto bem lendo, pois consigo imaginar um mundo diferente e adquirir diferentes conhecimentos. Gosto de escrever nas horas vagas, principalmente poemas (com regras e métrica).

Imagem 13: Resposta do aluno 13, da sala 3.3, sobre a segunda pergunta.

Com a observação da proposta, partimos da ideia de analisar outras questões, nas quais foram constatadas que: de cinquenta e seis alunos, apenas treze tem o hábito de ler juntamente com os pais. Nas horas vagas, a minoria tira tempo para ler.

Assim, o resultado do que foi objetivado nessa pesquisa foi válido, visto que relatamos duas turmas com uma relação boa, em contrapartida, uma não tem essa relação agradável para com as aulas de Língua Portuguesa, como também, percebemos que fora do contexto escolar, a maioria dos alunos ainda não são leitores, o que torna uma questão preocupante, pois, como afirma Micheletti e Brandão (1997), ler e escrever é um processo abrangente, é preciso compreender o mundo mediante uma característica subjetiva do homem: sua capacidade de interação com o outro através das palavras, visto que estão sempre submetidas a um contexto.

### Considerações finais

Um dos grandes desafios da educação é se adequar às mudanças sociais e culturais e aproximar o conteúdo e os métodos de ensino à realidade do aluno. Torna-se essencial que a escola esteja atenta à dinâmica e às múltiplas maneiras de usos sociais da língua, de forma a considerar que o aluno ao chegar a escola tem uma bagagem cultural, preferências e práticas de letramento próprias do ambiente em que vive.

É função da escola inseri-lo em novas práticas, sem descartar aquelas com as quais ele se identifica. Portanto, ao ensinar leitura e escrita, o professor deve levar em consideração, originalmente, quem é o seu aluno e tentar criar nele o desejo de aprimoramento e aprendizado, reconhecendo e validando as diferentes práticas de usos sociais da linguagem como parte do repertório cultural desses novos sujeitos.

Com isso, é válido entender que as informações e os conceitos são efêmeros, o qual parte do pressuposto que estão sujeitos a mudanças. Assim, os professores e os alunos devem produzir conhecimentos, portanto, não seguindo o modelo tradicional de uma relação hierarquizada, mas sim, em sintonia, como: professor – aluno – professor – saberes socialmente construídos – aluno.

É indubitável que o docente atual não é aquele que detém todos os saberes, mas aquele que sabe direcionar juntamente seus saberes e os dos alunos. Mosé (2013) infere essa questão ao afirmar que:



Não é só o conhecimento que faz um bom professor. O que faz um bom professor é a consciência de que, primeiro, ele necessita ter conhecido, mastigado, sentido o saber, o sabor do conhecimento. Mas saber tudo não é saber a verdade, e não adianta você saber mais, mas não entrar em comunicação, em sintonia, com o saber do outro. (MOSÉ, 2013, p. 243)

Dessa maneira, essa pesquisa se torna relevante, ao averiguar e assim perceber a relação dos indivíduos para com a leitura e escrita, pensando, portanto, que a maioria desses alunos irá prestar o ENEM e um dos critérios para uma boa nota de redação e um bom desempenho nas provas objetivas não é só o conhecimento linguístico, mas também mostrar domínio em várias áreas de estudo, discutir questões acerca do meio social, expor o conhecimento de mundo, colocar inferências e estar por dentro das atualidades e dos acontecimentos, não só do Brasil, mas do mundo.

Leffa (1996) descreve o leitor como “mina de conhecimento”, o qual ele é o minerador de algo valioso, o autor compara ao dizer que: “(...) há uma riqueza incalculável nos livros. Tudo o que de melhor produziu o pensamento humano está registrado na permanência da palavra escrita.” (LEFFA, 1996, p.13). Pode-se, então, afirmar que toda bagagem cultural, feedback, conhecimento prévio estão estritamente interligados no ato de ler e escrever.

#### REAL PRACTICE IN READING AND WRITING EDUCATION: AN ANALYSIS OF SPEECH BY STUDENTS OF PUBLIC NETWORK CARANGOLA-MG

**Abstract:** The research tries to find out if the premise that "young people do not have a habit and like to read and write" is true and, above all, to analyze the relationship of students with reading and writing inside and outside school. We used the quantitative and qualitative approach, through the application of a questionnaire; this was done with 3rd year of Public High School, from Carangola / MG. We observed that, in Portuguese classes, two classes have a good relation and one does not, as well as different opinions about the experience outside the school sector, however, most students do not have a habit of reading and writing, which makes it an issue worrisome. The present work is based on the conceptions dealt with, mainly, by Koch and Elias (2006), Marcuschi (2001, 2008) and Rojo (2010).

**Key words:** Applied Linguistics. Reading and writing. Literacy.

#### Referências

BRASIL. MEC - PCN'S – *Parâmetros Curriculares Nacionais* - língua portuguesa. Brasília: A Secretaria, 1996.

BRANDÃO, H. ;MICHELETTI, G. *Teoria e prática da leitura*. In: Ensinar e aprender com textos didáticos e paradidáticos. São Paulo: Cortez, 1997.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtpcnin*. São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, I.V; ELIAS, M.V. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2010.

LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolingüística*. Porto Alegre: Sagra, 1996.



MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

MOSÉ, V. *A escola e os desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ROJO, R. H. R. *Letramentos escolares: coletâneas de textos os livros didáticos de língua portuguesa*. *Perspectiva*, Florianópolis, v.28, n.2, p.433-465, jul./dez.,2010.

STREET, B. V. *Social Literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. London and New York: Longman, 1995.

TAROCCO. R. B. *Leituras e leitores: a magia das letras, imagens e vozes*. Juiz de Fora: FEME, 1999.

